

“TEM FUGIDO MAIS DE UMA VEZ E MUDA SEMPRE O NOME”: OS ANÚNCIOS DE FUGA DOS JORNAIS PIAUIENSES DO SÉCULO XIX

Talyta Marjorie Lira Sousa*

RESUMO

Este artigo analisa as representações sobre os escravizados na seção de anúncios de fuga nos periódicos piauienses do século XIX. Destacaremos a distribuição dos anúncios ao longo deste século, identificaremos quais os tipos de fugas praticadas nesta província e faremos uma análise no que diz respeito ao perfil dos escravizados: nome, faixa etária, sexo, naturalidade, cor, descrição dos olhos, nariz e boca, adjetivação de beleza, marcas de violência, condições de saúde, doenças e ofícios. Este trabalho foi constituído com base em pesquisa bibliográfica de base teórica e historiográfica em pesquisas produzidas sobre o tema, tais como: Thompson (1998), Freyre (2010), Schwarcz (2017), Reis e Silva (1989), Gomes (1996), entre outros autores. A pesquisa das fontes hemerográficas ocorreu no *site* do Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação (NUJOC), da Universidade Federal do Piauí (UFPI), e na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. No que concerne à metodologia do processo investigativo, adotamos a pesquisa histórica descritiva, a partir da consulta e da análise da base documental, primeiro para mapear experiências passadas, localizar no tempo e no espaço os sujeitos, a fim de providenciar respostas para as questões levantadas. Ensejamos que este trabalho ajude a preencher as lacunas da historiografia referente ao estudo sobre a escravidão no Piauí, e contribua, enriqueça e excite o interesse de novos pesquisadores.

Palavras-chave: História, escravidão, anúncios de fuga, perfil, experiências.

* Talyta Marjorie Lira Sousa é Doutora, Mestra e Graduada em História pela Universidade Federal do Piauí. Atualmente é docente da Universidade Federal do Piauí, do Curso LEDOC/CPCE, Área de História. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-0475-6192>. E-mail: talyta.sousa@ufpi.edu.br

“HE HAS RUN AWAY MORE THAN ONCE AND ALWAYS CHANGES HIS NAME”: THE ESCAPE ADVERTISEMENTS IN PIAUÍ NEWSPAPERS FROM THE 19TH CENTURY”

ABSTRACT:

This article analyzes the representations of enslaved people in the escape advertisements section of Piauí periodicals from the 19th century. We will highlight the distribution of advertisements throughout this century, identify the types of escapes carried out in this province and carry out an analysis regarding the profile of the enslaved: name, age group, sex, birthplace, color, description of the eyes, nose and mouth, adjectives of beauty, marks of violence, health conditions, illnesses and occupations. This work was based on bibliographical research with a theoretical and historiographical basis in research produced on the subject, such as: Thompson (1998), Freyre (2010), Schwarcz (2017), Reis e Silva (1989), Gomes (1996), among other authors. The search for newspaper sources took place on the website of the Journalism and Communication Research Center (NUJOC), of the Federal University of Piauí (UFPI), and in the Digital Hemeroteca of the National Library. Regarding the methodology of the investigative process, we adopted descriptive historical research, based on consultation and analysis of the documentary base, first to map past experiences, locate the subjects in time and space, in order to provide answers to the questions raised. We hope that this work will help fill the gaps in the historiography regarding the study of slavery in Piauí, and contribute, enrich and excite the interest of new researchers.

Keywords: History, slavery, escape ads, profile, experiences.

“SE HA FUGADO MÁS DE UNA VEZ Y SIEMPRE CAMBIA DE NOMBRE”: LOS ANUNCIOS DE FUGA EN LOS PERIÓDICOS DE PIAUÍ DEL SIGLO XIX

RESUMEN:

Este artículo analiza las representaciones de esclavos en la sección de anuncios de fuga de periódicos de Piauí del siglo XIX. Destacaremos la distribución de la publicidad a lo largo de este siglo, identificaremos los tipos de fugas realizadas en esta provincia y realizaremos un análisis sobre el perfil del esclavizado: nombre, grupo de edad, sexo, lugar de nacimiento, color, descripción de los ojos, nariz, y boca, adjetivos de belleza, marcas de violencia, condiciones de salud, enfermedades y ocupaciones. Este trabajo se basó en investigaciones bibliográficas con base teórica e historiográfica en investigaciones producidas sobre el tema, tales como: Thompson (1998), Freyre (2010), Schwarcz (2017), Reis e Silva (1989), Gomes (1996), entre otros autores. La búsqueda de fuentes periodísticas se realizó en el sitio web del Centro de Investigación en Periodismo y Comunicación (NUJOC), de la Universidad Federal de Piauí (UFPI), y en la Hemeroteca Digital de la Biblioteca Nacional. En cuanto a la metodología del proceso investigativo, adoptamos la investigación histórica descriptiva, basada en la consulta y análisis de la base documental, primero para mapear experiencias pasadas, ubicar a los sujetos en el tiempo y el espacio, con el fin de brindar respuestas a las preguntas planteadas. Esperamos que este trabajo contribuya a llenar los vacíos en la historiografía sobre el estudio de la esclavitud en Piauí, y contribuya, enriquezca y despierte el interés de nuevos investigadores.

Palabras clave: Historia, esclavitud, anuncios de escape, perfil, experiencias.

1 INTRODUÇÃO

Em 11 de julho de 1818, Luiz Cardozo, um mestiço forro, solicitou passaporte para seguir um escravizado fugido de nome Manoel, pertencente ao Capitão-mor João Nepomuceno Castelo Branco¹, residente na cidade de Oeiras, Piauí (Arquivo Público do Estado do Piauí. Passaportes, 11 jul. 1818). No dia 17 de março de 1869, foi publicado no jornal *A Imprensa*, da cidade de Teresina, capital da Província do Piauí, um anúncio que destacava o seguinte: “No princípio de dezembro de 1868, fugiu da cidade de Caxias um escravo da viúva do Coronel João da Cruz, de nome Joaquim, conhecido por Hotija” (Anúncio, 17 mar. 1869, p. 4), o cativo tinha a idade entre 30 e 33 anos, espáduas largas, pernas finas e uma abertura entre os dois dentes da frente, na parte superior. Pela descrição, havia sinais de violência no corpo de Joaquim, que apresentava “uma cicatriz de facada um pouco acima do umbigo”, e fora “surrado nas nádegas”. O passaporte e o anúncio estampado nas páginas do periódico indicam não apenas uma fuga, mas o cenário escravista piauiense durante o século XIX, seus reflexos interprovinciais e a experiência dos escravizados diante do confronto com o exercício de poder.

Os anúncios de fuga são fragmentos carregados de significados, representações da sociedade piauiense oitocentista, que expõem uma descrição minuciosa de todos os sinais e marcas que possam identificar o escravizado, o espaço físico e social de circulação, a vigilância e a proteção desses sujeitos, a recompensa pela fuga e as dinâmicas de captura. Assim, os anúncios de fuga nos possibilitam ver sujeitos reais, em que cada escravizado é descrito de maneira singular, aparece como um ser individual, diferente dos outros, com marcas próprias (Ferrari, 2010).

Os anúncios de fuga proporcionaram discutirmos o papel do cativo como agente histórico. As representações sobre os escravizados não só dão voz ao dono, não são apenas retratos, são a ação diante da sociedade, armadilhas, armas, gritos, gestos, atitudes, astúcias, intrigas, cujas palavras foram os instrumentos. Os anúncios de fuga são as reações dos escravizados diante das circunstâncias de exploração – são vidas reais em poucas frases ou gestos (Foucault, 2006).

Nessa perspectiva, nosso objetivo é analisar as representações sobre os escravizados na seção de anúncios de fuga nos periódicos piauienses do século XIX. Destacaremos a distribuição dos anúncios ao longo deste século. Em seguida, identificaremos quais os tipos de fugas praticadas no Piauí (se fugas reivindicatórias ou de rompimento). Por fim, faremos uma análise no que diz respeito ao perfil dos escravizados: nome; faixa etária; sexo; naturalidade; cor; descrição dos olhos, nariz e boca; adjetivação de beleza; marcas de violência, condições de saúde, doenças e ofícios.

Compreendemos que os anúncios são pedaços de significações e podem ser pautados na tentativa de conhecer as condições de vida dos sujeitos escravizados. Assim, consoante a história social, as fugas podem ser analisadas a partir do contexto da relação senhor x escravizado, do espaço onde estão inse-

¹ João Nepomuceno de Castelo Branco nasceu em 1781 em Oeiras, capitania do Piauí, e faleceu em 1836 na mesma localidade. Foi cadete do Regimento de Milícias do Piauí; prestou serviços a várias administrações públicas no Piauí; ajudante de cavalaria da guarnição de Oeiras; Capitão-mor das ordenanças de Oeiras (1807-18), condecorado com o hábito da Ordem de Cristo (1818), Cavaleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro (1825) (Ferreira, 2011, p. 73).

ridas, não apenas como uma reação natural à violência do sistema escravista, mas como experiência única, vivenciada de forma diferente por cada sujeito, e ocasionada por uma série de fatores ligados à vontade e à escolha do próprio cativo (Domingues, 2011). A experiência nos fornece entendimento para as diversas formas de organização da vida social, do sentido histórico, e contribui para que as estruturas objetivas gerem efeitos sobre a vida dos escravizados. Assim, a experiência é um termo “entre o ser social e a consciência social [...], dá cor à cultura, aos valores e ao pensamento” (Thompson, 1981), homens e mulheres transformam-se em sujeitos que “vivenciam situações, relações produtivas [...], interesses e antagonismos, em seguida abordam essa experiência em sua consciência, sua cultura [...]” (Thompson, 1981) e atuam sobre determinada situação.

Ao aplicar o conceito de “experiência” à análise da escravidão no Piauí, podemos investigar como os escravizados perceberam e interpretaram sua condição de vida, como resistiram às formas de opressão e como construíram formas de comunidade e solidariedade em meio às situações adversas. Isso nos permite analisar não apenas as estruturas sociais e econômicas que sustentavam a escravidão, mas também as experiências subjetivas dos próprios escravizados. Ao explorar as fugas como estratégias de resistência cotidiana dos escravizados, por meio da lente da experiência, podemos entender melhor os motivos, as expectativas e os significados atribuídos pelos escravizados à fuga, bem como o seu impacto nas relações de poder na sociedade escravista.

Os sujeitos históricos por nós analisados atuam e são influenciados pelo todo social, numa relação de dominação e exploração, que os une horizontalmente e os separa verticalmente, por meio das práticas cotidianas, costumes, resistências e acomodações. Ao contrário do que poderiam pensar os senhores ao considerar os cativos como mercadoria, como “coisa”, sujeito sem vontade própria, que devia se curvar à vontade senhorial, os escravizados conquistavam espaços ao impor limites nas negociações para a venda interprovincial, na fuga, na formação de núcleos familiares, na compra da alforria, na aquisição do pecúlio e na brecha camponesa (Lara, 1995).

A História Social contribui para visualizarmos as transformações das relações sociais entre os agentes históricos, os escravizados, libertos e trabalhadores livres enquanto sujeitos históricos, as práticas de negociação e a dinâmica do cativo na sociedade piauiense. Nessa concepção, usamos um *corpus* documental que enfoca o perfil dos cativos como sujeitos, suas ações por meio de negociações, lutas, conflitos e redes de solidariedade.

A pesquisa das fontes hemerográficas ocorreu no *site* do Núcleo de Pesquisa em Jornalismo e Comunicação (NUJOC), da Universidade Federal do Piauí (UFPI), e na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional². Os periódicos piauienses selecionados foram: *O Telégrafo* (1839), *O Governista* (1847 a 1848), *O Analítico* (1849 a 1850), *O Escolástico* (1849), *A Voz da Verdade* (1849), *O Echo Liberal* (1849 a 1852), *O Conciliador Piauiense* (1857), *O Propagador* (1858 a 1860), *O Expectador* (1858 a 1863), *Liga e*

² A plataforma digital do Projeto Memória do Jornalismo Piauiense democratiza o acesso aos periódicos por parte dos pesquisadores e comunidade em geral. Todos podem consultar jornais, revistas e almanaques do século XIX e XX. Para saber mais, acesse: <http://memoriadojornalismopi.com.br/>. Os pesquisadores também podem acessar títulos de periódicos nacionais, revistas, anuários, boletins e publicações seriadas, por meio do site <https://bndigital.bn.gov.br/hemerotecadigital/>.

Progresso (1862 a 1864), *A Imprensa* (1865 a 1889), *O Piauí* (1867), *A Pátria* (1870 a 1872), *A Opinião Conservadora* (1874 a 1876), *O Semanário* (1875 a 1885) e *A Época* (1878 a 1889).

A metodologia empregada foi orientada pela possibilidade de efetivar olhares diferentes, embora complementares, para cada uma das fontes já referidas. Utilizamos o método histórico-descritivo para mapear experiências passadas, localizar no tempo e no espaço o sujeito, a fim de providenciar respostas para as questões levantadas. Além de conciliar o caráter quantitativo, que traduz opiniões e informações em números utilizando técnicas estatísticas para classificação e análise, com o caráter qualitativo, cujos elementos não são quantificáveis, os dados obtidos são analisados indutivamente. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são essenciais nesse processo de pesquisa.

Dessa forma, acreditamos que o trabalho enriquece a produção historiográfica piauiense, de modo a ampliar a perspectiva de estudo sobre a história social da escravidão. É viável, visto a sintonia entre o acesso às fontes e o objetivo proposto, oferecendo novos elementos para a compreensão do caminho percorrido pelos escravizados na história e na historiografia piauiense e brasileira.

2 O PERFIL DOS ESCRAVIZADOS NOS ANÚNCIOS DE FUGA PIAUIENSE (1840-1885)

O primeiro anúncio de fuga publicado em um periódico piauiense foi no jornal *O Telégrafo*, em 2 de abril de 1840, em Oeiras. O anúncio notificava a fuga coletiva de Vicente, Raimundo, Leandro, Francisco e João, que tinham como proprietário Thomé Joaquim Gomes Teixeira³. O primeiro cativo foi descrito como um “mulato, maior de 40 anos, de estatura ordinária, usando de uma escova ou secia na testa ainda que corte o cabelo”, o segundo como “mulato, 25 anos, baixo e grosso, muito amigo de festas”, o terceiro era um “cabra claro, 40 anos, alto e cheio do corpo, cabelos avermelhados, tem grandes entradas, bem barbado”, o quarto como “cabra, 38 anos, baixo, grosso, barbado, tem um botão de carne em um dos cantos da boca, e na cabeça uma cicatriz de coice de cavalo”, e o quinto era um “cabra, de 26 anos, baixo, magro, beiços grossos, ventas arregaçadas, sabe ler e escrever, trabalha de alfaiate, barbeiro, pedreiro, e tudo faz com a mão esquerda por ser canhoto, é um completo capadócio e mui tabaquista” (Anúncio, 2 abr. 1840, p. 4). O anunciante prometeu que seria bem recompensado aquele que apreendesse os escravizados e os entregassem em Oeiras a Thomé Joaquim Gomes Teixeira, na vila aos senhores prefeitos, e em Caxias ao senhor Alexandre Bernardo de Siqueira. Não há menção de quando os cativos fugiram, o motivo da fuga ou a suspeita para onde teriam partido, mas podemos inferir que usaram como tática a diminuição da vigilância para escapar, visto que o anúncio foi publicado em março de 1840, período da Balaiada, revolta regencial que ocorreu entre os anos de 1838 e 1841.

Entre 1840 e 1885, localizamos nos jornais piauienses 126 histórias como a de Vicente, Raimundo, Leandro, Francisco e João. No conjunto de dados analisados neste trabalho, não contabilizamos os anúncios de fuga repetidos; num total de 189 anúncios transcritos, 63 se repetem. Poder-se-iam repetir porque o senhor tinha esperança de que, publicando o anúncio mais de uma vez, a notícia da fuga se espalhasse, ou porque a fuga foi bem-sucedida. Além disso, existem casos em que as fugas foram regis-

³ Thomé Joaquim Gomes Teixeira foi coronel e deputado provincial (1835-1836/1844-1845). Ver: *Província do Piauí*, 30 abr. 1885, p. 3; *Quadro Demonstrativo*, 7 dez. 1901, p. 4.

tradas em mais de um jornal, como as dos cativos Manoel, José e Rufino, que fugiram da Província de São Paulo, presumindo-se que tinham vindo para o Piauí em companhia dos corpos de voluntários da pátria e que estariam entre as cidades de Caxias, Teresina e outros centros da Província do Piauí⁴. A quantidade de anúncios foi diferente da quantidade de escravizados anunciada, porque havia as fugas coletivas em que mais de um cativo foi anunciado. Dessa forma, entre 1840 e 1885, quantificamos 126 anúncios, e a fuga de 160 escravizados.

Analisamos 6 periódicos de Oeiras, num total de 26 anúncios publicados, 36 escravizados fugidos, nenhum anúncio repetido e a maior quantidade de cativos anunciada no jornal o *Echo Liberal*, por conta do número de publicações entre 1849 e 1852 (154 edições). A cidade de Oeiras tem uma menor quantidade de jornais porque logo que a imprensa tomou forma, a capital da Província do Piauí foi transferida para Teresina e os periódicos passaram a ser confeccionados na nova capital. Em Teresina, temos a publicação de 110 anúncios, e 127 escravizados fugidos (sem contabilizar as repetições), com destaque para a quantidade de anúncios do periódico *A Imprensa*, entre 1865 e 1885 (861 edições).

Quanto à disposição ao longo dos anos, observamos o destaque para a década de 1870, seguida das décadas de 1860, 1850, 1840 e 1880. Não encontramos anúncios anteriores a 1840, nem referentes aos anos de 1841 a 1846, 1853 a 1856, 1864, 1867, 1877, 1881 e 1884. Acreditamos que não havia publicação de anúncio anterior à 1840, porque a imprensa na Província do Piauí era incipiente, e, neste caso, os senhores buscavam outros meios para a apreensão dos escravizados, porque não havia condição física de digitalização das edições de determinado periódico quando os jornais foram catalogados nas plataformas, e alguns jornais passaram a publicar notícias sobre emancipação em detrimento dos anúncios de cativos fugidos. A década de 1870 se destaca na publicação de anúncios, e deduzimos que os cativos poderiam fugir em meio aos retirantes da seca de 1877, pelo receio de serem vendidos para o Sul e de se separarem de suas famílias, visto que esse foi o período de comercialização do tráfico interprovincial (Costa, 2017).

Na década de 1880 há a diminuição da publicação de anúncios de fuga, mas isso não significa que os escravizados deixaram de fugir. A última fuga registrada em periódico foi no jornal *A Imprensa*, em 28 de março de 1885, do cativo Manoel, “cor cabra, idade quarenta e tantos anos, desdentado, estatura regular, espáduas largas, pés pequenos, pouca barba, cabelos carrapichos, com um maço deles brancos na frente de um lado da cabeça, vaqueiro”. O proprietário suspeitava que teria fugido para a Fazenda Algodão ou Guaribas, perto da Colônia São Pedro, na Província do Piauí (Anúncio, 28 mar. 1885, p. 4). As fugas continuaram a acontecer, pois há o registro de dois passaportes expedidos em 11 de fevereiro de 1886, um para Vicente Cornélio de Carvalho, na busca de um cativo pertencente à Custódia Joaquina dos Santos, e outro para José Joaquim do Nascimento e João Pereira de Sousa, na busca de Francisco, que fugiu de João Manoel de Assumpção (Arquivo Público do Estado do Piauí. Passaportes, 11 fev. 1886).

Para Eduardo Silva e João José Reis (1989), as fugas foram a unidade básica da resistência ao sistema

⁴ Os escravizados Manoel, José e Rufino foram anunciados em uma publicação no jornal *O Piauí* em 15 de abril de 1871, e no jornal *A Pátria* no dia 22 de abril de 1871 (Anúncio, 15 abr. 1871, p. 4; Anúncio, 22 abr. 1871, p. 4).

escravista, pois eram produtoras diretas do abandono do trabalho, um rompimento das relações entre senhor e escravizado, um desafio radical e um ataque ao direito de propriedade. Nesse contexto, os autores apresentam duas categorias de fugas: reivindicatória e de rompimento. Nas fugas reivindicatórias, o escravizado não pretendia uma quebra radical com o sistema, uma vez que houve uma ruptura na relação e da negociação pelos mais variados motivos, a exemplo do cativo não aquiescer com os castigos impostos, “não necessariamente porque eram exagerados ou cruéis, mas [porque] achavam injustos” (Gomes, 1996), evadir-se nos fins de semana para lazer, ou a separação de entes queridos por conta de uma venda inaceitável (Reis & Silva, 1989). Resistir também significou negociar – percebemos esse tipo de fuga quando a descrição evidenciava que o cativo evadiu-se mais de uma vez, como no caso de Bruno:

50:000

Será gratificado com aquela quantia a pessoa que capturar e trazer a está cidade ao anunciante, ou levar em Oeiras ao senhor Eugênio Marques de Holanda, um escravo de nome Bruno, que evadiu-se no termo de S. Gonçalo em viagem para Oeiras – no mês passado.

Os seus principais sinais são os seguintes: cabra, bem apessoado e reforçado, cabelos quase soltos, pouca barba e apenas no queixo inferior, estômago um pouco saliente, dentes bons, pernas grossas, pés malfeitos e chatos.

Toca bem viola e é amante de festas.

Tem fugido mais de uma vez e muda sempre o nome.

Teresina, 12 de março de 1869

Eugênio Marques de Holanda (Anúncio, 15 mar. 1869, p. 4).

As diversas fugas de Bruno podem denotar que ele não pretendia romper definitivamente os laços com o senhor, mas buscava lazer e divertimento, principalmente quando o anunciante, Eugênio Marques de Holanda⁵, descreve como vê o comportamento do cativo: “toca bem viola e é amante de festas”. Assim como Bruno, temos a fuga de Felipe, que foi preso em várias ocasiões, em 31 de janeiro de 1861, 17 de julho de 1861 e em 26 de junho de 1862, a maioria das vezes por andar fugido, e uma por ser acusado de roubo (Arquivo Público do Estado do Piauí. Secretaria de Polícia, 1861); Jacinto, pertencente ao Capitão Jesuíno José Avelino, preso por andar fugido em 30 de novembro de 1864, evadiu-se da cadeia em 13 de janeiro de 1866 e foi reconduzido por um guarda nacional em 30 de janeiro de 1866 (Arquivo Público do Estado do Piauí. Secretaria de Polícia, 1864). Os escravizados Máximo e Jacinto foram encontrados nos anúncios de fuga e nos registros da Secretaria de Polícia, conforme as citações a seguir:

Em dias do mês passado, do sítio – Olho d’água, neste termo, fugiu o escravo Jacinto, preto, estatura regular, pouca barba e com pouquíssimos cabelos brancos. Terá quando muito 40 anos de idade. Quem o capturar e entregá-lo no referido lugar ao seu senhor, o abaixo assinado. Será gratificado.

⁵ Eugênio Marques de Holanda nasceu em Oeiras, Província do Piauí, em 1836, e faleceu no Rio de Janeiro em 1892. Segundo Wilson Carvalho Gonçalves, foi “precursor da indústria farmacêutica no Brasil. Farmacêutico, farmacognosista e empresário. Formado em Farmácia pela Faculdade do Rio de Janeiro (1860). Profundo conhecedor de nossa flora, instalou o primeiro Laboratório da Flora Brasileira. Pioneiro na fabricação de produtos da flora medicinal. Os seus produtos receberam menção honrosa na Exposição Nacional de 1871. Líder de classe. Presidiu o Instituto Farmacêutico Nacional. Responsável pela instituição da primeira Escola de Farmácia autônoma, desvinculada das Faculdades de Medicina. Foi farmacêutico da Casa Imperial e cavalheiro da Ordem da Rosa”. Ver: Pinheiro Filho (1972) e Nery (2021).

Não se deixem os senhores contratantes de núcleos iludir acreditando ser dito escravo – emigrante de Crateús, conforme ele diz.

Olho d'água, 22 de setembro de 1878.

Luiz Gonçalves Pedreira (Anúncio, 28 set. 1878, p. 4).

Evadiu-se no dia 6 do corrente mês da fazenda – São Benedito – deste termo, o escravo Máximo, que tem os sinais seguintes: cor muito preta, sem barba, rosto meio quadrado, testa pequena, olhos vesgos, nariz chato, boca grande, boa dentadura, queixo fino, voz fanhosa, altura quase regular, cheio do corpo, pés grandes e representa ter 30 e poucos anos de idade. Levou camisa de elefante ordinário, ceroulas de algodãozinho e calças de riscado imitando a brim, surrão e rede.

Este escravo já tem estado por vezes trabalhando nesta cidade, onde mostrou desejos de ficar residindo, por isso é de crer que esteja por aqui mesmo escondido, no entanto, como pode ter tomado outro destino roga-se e recomenda-se as autoridades policiais desta província e do Maranhão sua captura.

Quem o pegar e entregar nesta cidade ao senhor Antônio Gonçalves Pedreira Portelada, ou dele notícia exata, será devidamente recompensado.

Teresina, 10 de março de 1870 (Anúncio, 19 mar. 1870, p. 4).

O escravizado Jacinto, do senhor José Gonçalves Pedreira⁶, foi encontrado oculto em 16 de junho de 1860 no interior da casa do negociante Joaquim Escolástico da Silva Ribeiro, e fugiu novamente, visto que o encontramos anunciado no jornal *A Época* em 28 de setembro de 1878. O escravizado Máximo, do Capitão Domingos Gonçalves Pedreira, preso por andar fugido em 14 de novembro de 1860, empreendeu nova fuga, conforme noticiado no jornal *O Piauí* em 19 de março de 1870. Acreditamos tratar-se dos mesmos escravizados, tanto no anúncio quanto no documento da Secretaria de Polícia, porque os proprietários e o anunciante são da mesma família, e as características dos cativos são conciliáveis.

Por meio dos anúncios, encontramos poucas fugas na Província do Piauí que podem ser classificadas como reivindicatórias, todas as outras estão na segunda categoria de fuga identificada por Eduardo Silva e João José Reis como de rompimento, na qual o escravizado, conhecedor das malhas finas do sistema, escapava para espaços onde não pudesse ser descoberto (Reis & Silva, 1989). As motivações para as fugas de rompimento eram as mais variadas, dependiam da trajetória e da experiência de cada um dos sujeitos e sua relação com a sociedade. Dessa maneira, poderiam ser para encontrar parentes, reorganizar famílias, buscar apadrinhamento, ou para escapar do uso excessivo da violência, como no caso de Esperança, que foi castigada pelo Capitão José Augusto de Lemos e fugiu no meio do processo contra seu proprietário.

Em 1878, o jornal *A Época* noticiou, no decorrer de quatro edições, entre 16 de junho e 9 de novembro de 1878, o caso de Esperança. O primeiro artigo foi publicado pelo proprietário e autor das ofensas à Esperança, que fora castigada com oito chicotadas, por haver derrubado uma porta e roubado alguns

⁶ José Gonçalves Pedreira, filho de Manuel Domingues Gonçalves Pedreira, nascimento estimado entre 1766 e 1810 em Portugal. Foi político filiado ao Partido Conservador, vereador de Teresina, juiz de paz, tenente-coronel do 5º Esquadrão de Cavalaria da Guarda Nacional da Província do Piauí. Ver: Foram reformados a pedido, 25 out. 1874, p. 1; Aproxima-se a época eleitoral, 22 mar. 1874, p. 2; Os abaixo assinados eleitores conservadores, 8 jun. 1881, p. 2.

objetos. O Capitão José Augusto de Lemos foi denunciado por crime de ferimentos graves. O proprietário defendia-se do ocorrido, alegando que o resultado das ofensas, que antes foram consideradas graves, segundo o exame de corpo de delito, foi retificado por um exame de sanidade, no qual os ferimentos estavam “cicatrizados perfeitamente antes de trinta dias sem que ficasse presumida deformidade” (Ao público, 15 jun. 1878, p. 3).

O aparato jurídico proporcionava ao proprietário a aplicação de castigo moderado aos escravizados, sem punição aos senhores que dele se utilizassem, conforme o artigo 14, §6º, do Código Criminal de 1830: “Quando o mal consistir no castigo moderado, que os pais derem a seus filhos, os senhores a seus escravos e os mestres a seus discípulos; ou desse castigo resultar, uma vez que a qualidade dele não seja contrária às leis em vigor” (Brasil, Código Criminal, 1830). Estabelecia que esses castigos tinham a finalidade disciplinadora, corretiva, mas sem agressão cruel, assim, as seis ou oito chicotadas dadas em Esperança não constituíam, segundo o Capitão José Augusto de Lemos, crime ou castigo rigoroso.

Um auto de sanidade foi realizado em Esperança em 11 de junho de 1878, na Casa da Câmara de Teresina, no qual participaram o juiz municipal doutor Alfredo Teixeira Mendes, as testemunhas João Raimundo Martins e Antônio Furtado Mendonça, além dos peritos doutores Joaquim Antônio da Cruz e Raimundo de Arêa Leão. Ao ser inquirida, Esperança respondeu que houve ofensa física, como consta no exame de corpo de delito feito no dia 21 de maio de 1878, que as ofensas feitas por “taca” não eram mortais e não resultaram em mutilação e inabilitação de membros, não houvera a produção de deformidade, a cicatrização ocorreu por “primeira intenção” e os ferimentos estavam curados. Os peritos arrazoaram que existiam os ferimentos descritos por Esperança, porém, todos perfeitamente cicatrizados (Ao público, 15 jun. 1878, p. 4).

Os processos contra José Augusto de Lemos continuaram. No dia 13 de julho de 1878, este apresentou, no jornal *A Época*, sua defesa, após o encerramento do sumário de um deles. A petição do acusado com o exame de sanidade da vítima foi indeferida pelo juízo competente, “por isso não foi intimado se não para continuar o processo”. Após a conclusão, o réu pediu o prazo de três dias para produzir sua defesa e acreditava que não deveria mais responder criminalmente pelo processo, visto que “os ferimentos resultantes do aludido castigo eram leves” (Ao público, 15 jun. 1878, p. 4).

No dia 23 para 24 do mês de outubro de 1878, em meio ao trâmite do processo, Esperança fugiu. Sua fuga pode ser compreendida como resistência ao sistema escravista, conforme verificamos na citação a seguir:

Anúncios

Boa Gratificação

Dá José de Lemos à quem capturar e entregar-lhe a escrava Esperança, cabocla, baixa, magra, olhos vesgos, cabelos corridos, avermelhados e aparados, boca grande e falta de dentes; e tem sinal de relho no pescoço – fugiu na noite do dia 23 para 24 do corrente mês, levando saia de riscado americano branco, camisa de algodãozinho e uma meia encarnada. Foi encontrada no caminho da Lagoa da matta, e é de presumir que fosse para Canabrava do capitão Ignácio Marques, onde mora sua irmã de nome Raimunda.

Teresina, 26 de setembro de 1878 (Anúncio, 5 out. 1878, p. 4).

A evasão de Esperança era um rompimento no qual a escravizada escapou para espaços em que não pudesse ser descoberta, e a possível motivação foi o uso excessivo da violência durante o castigo. O anúncio da fuga de Esperança denota as características da cativa, a tática de ocultar-se levando roupas e a busca por seus laços familiares, pois presumiam que ela procuraria a irmã na localidade Canabrava. Assim, observamos que os anúncios de fuga nos permitem traçar o perfil dos cativos a partir de elementos comuns e algumas informações de forma seriada (Domingues, 2011). O proprietário que desejava recuperar um escravizado fugido necessitava fornecer dados como nome, faixa etária, sexo, naturalidade, cor, descrição dos olhos, nariz, boca, dentes, estatura e corpo, pernas e pés, mãos e braços, cabelos, barba, adjetivação de beleza, doenças, marcas no corpo e defeitos físicos, vícios, marcas de violência e ofício.

Atenção!!

Tendo sido capturada a escrava Esperança na casa de uma senhora Ursula de tal e de seu filho Abreu Bacelar, onde se achava ela acoitada: e querendo o abaixo assinado vendê-la faz pública para conhecimento de todos que ará com a dita escrava todo e qualquer negócio até mesmo a prazo.

Quem a pretender entenda-se com o senhor Raimundo Martins, nesta cidade, ou com o abaixo assinado em sua quinta à margem do rio Parnaíba, aonde se acha a referida escrava.

Teresina, 22 de outubro de 1878.

José Antônio de Lemos (Atenção, 9 nov. 1878, p. 4)

Esperança acabou capturada, como noticiado na edição n. 32 do jornal *A Época*, de 9 de novembro de 1878, acoitada na casa de uma senhora chamada Ursula e de seu filho, Abreu Bacelar. Seu proprietário comunicou que pretendia vender Esperança, pois a relação entre eles ficara desgastada: “para conhecimento de todos que fará com a dita escrava todo e qualquer negócio até o prazo”, por meio de seu procurador, João Raimundo Martins, “em sua quinta à margem do rio Parnaíba, onde se acha a referida escrava” (Atenção, 9 nov. 1878, p. 4).

Dessa forma, compreendemos que os anúncios de fuga são importantes, porque demonstram que os escravizados não eram passivos diante de sua condição, mas lutavam e desafiavam o sistema escravista. Esses documentos nos ajudam a reconstruir a história não só das fugas bem-sucedidas, mas também das tentativas frustradas, como no caso de Esperança. Os anúncios de fuga nos oferecem uma perspectiva sobre a vida dos escravizados, suas condições de trabalho, tratamento e relações com seus senhores, informações como idade, habilidades, origens étnicas e detalhes físicos frequentemente incluídos nos anúncios.

Nesse contexto, podemos traçar o perfil dos sujeitos escravizados anunciados nos jornais piauienses a partir dos seguintes aspectos: nome; faixa etária; sexo; naturalidade; cor; descrição dos olhos, nariz e boca; adjetivação de beleza; marcas de violência; condições de saúde, doenças e ofícios.

Pelas informações pesquisadas, todos os escravizados anunciados nos jornais foram nomeados, com exceção de duas publicações: uma no jornal *O Echo Liberal*, na qual José da Fonseca Soares Silva anunciou a fuga de um escravizado da vila do Crato, na Província do Ceará (Anúncio, 29 jan. 1852, p. 4), e outra no jornal *A Imprensa*, em que Miguel Borges anunciou a fuga de uma “crioula, 30 anos de idade,

pouco mais ou menos, fala baixo, cara espantada, foi vista no sítio, perto da mesma vila de São Gonçalo” (Anúncio, 31 mar. 1869, p. 4). Além disso, um cativo era conhecido pelo sobrenome José Nunes (Anúncio, 10 ago. 1840, p. 4), e Bruno, já apresentado anteriormente, que mudava de nome toda vez que fugia. Nomear o escravizado era importante para facilitar a sua identificação pela sociedade oitocentista, mas, como Bruno, poder-se-ia usar a tática de trocar de nome para acobertar a fuga, permanecer oculto e ludibriar aqueles que estivessem à sua procura.

Quanto à idade dos cativos fugidos, constatamos que houve predominância na faixa etária de 21 a 30 anos (53 fugas), seguida por 31 a 40 anos (40 fugas), 11 a 20 anos (19 fugas), acima de 40 anos (15 fugas) e de 1 a 10 anos (3 fugas). A maioria das fugas ocorria na fase adulta, se considerarmos a faixa etária de 11 a 40 anos, e quando o escravizado estava em idade produtiva, num total de 112 fugidos. Os cativos nessa faixa etária eram os mais comercializados no tráfico interprovincial. Nessa perspectiva, poderiam fugir para não serem enviados para as fazendas de café, e o proprietário anunciava na tentativa de recuperar uma força de trabalho em potencial, principalmente se o cativo era jovem e tinha a possibilidade de uma longa vida laborativa.

No aspecto de análise da quantidade dos escravizados por sexo, a maioria das fugas era empreendida por homens (143 escravizados) em relação ao número de mulheres (17 escravizadas). Nesse aspecto, há um desequilíbrio quanto ao número de mulheres e homens que fugiu, diferentemente do quadro estatístico da província em 1872, quando o censo apontou para 11.945 homens e 11.850 mulheres cativas (Brasil, Recenseamento geral do Império, 1872).

Podemos levantar duas hipóteses: a primeira diz respeito à intensificação do tráfico interprovincial, que preferia homens jovens em detrimento de mulheres. Os escravizados fugiram mais por serem preferidos no envio para as fazendas de café no Sul. A segunda, pelo papel desempenhado pelas mulheres enquanto mães, fugir com o filho poderia significar maior chance de serem capturadas, mas isso não impediu Maria Izabel, “mulata não muito alva”, 34 anos, de levar consigo um filho de três para quatro meses (Anúncio, 27 jun. 1850, p. 4), nem a escrava Clemência, que fugiu junto dos três filhos, sendo apreendida e recolhida à casa de detenção (Arquivo Público do Estado do Piauí, Secretaria de Polícia, 1872-1873).

A maioria dos anúncios piauienses não apresenta a descrição quanto à naturalidade dos cativos. Desconsiderando esses anúncios, observamos que grande parte eram escravizados crioulos⁷, com predominância para cativos naturais do Piauí (9 escravizados), seguidos por Maranhão e Ceará (2 escravizados cada província). Apenas dois anúncios evidenciam que os cativos eram africanos: o de Delfina da nação Angola, “50 anos de idade, cabeça fina, altura regular, tem falta de dentes, feições miúdas e rugadas, nariz chato um tanto curto” (Anúncio, 27 mar. 1863, p. 4), e o de Trajano, “africano, maior de 50 anos, com bastante cabelos brancos, cor preta retinta, tem boa dentadura, pouca barba, magro e estatura regular” (Anúncio, 10 ago. 1876, p. 4). Os dois tinham a faixa etária de 50 anos. Trajano foi

⁷ O termo “crioulo” ou “crioula” designava a descendência escrava que nascia no Brasil, diferentemente dos que eram indicados por sua origem africana. Para Eduardo Paiva (2015), a definição era utilizada para qualificar aqueles que nasceram na América e que eram filhos de africanos.

anunciado em 1876, e Delfina em 1863 – o que nos faz deduzir que chegaram ao Brasil vindos do continente africano na primeira metade do século XIX.

Na composição dos escravizados segundo a cor, dos 160 sujeitos anunciados, 111 não possuíam essa descrição, em 24 deles a cor estava associada à qualidade⁸ (mulato claro, mulato alvo, mulato alaranjado, mulato da cor vermelha, cafuz claro, cabra claro, cabra bem retinto, cabra da pele vermelha, cabra preto, cabra roxo, crioulo não retinto, crioulo retinto, crioula bem preta, caboclo roxo, fula procurando para preto e fula, porém mais escuro) e 25 aparecem somente a cor⁹: em sua maioria preta (variando entre muito preta, preta retinta, preto avermelhado) e pardo.

A denominação da cor nos anúncios parte de um contexto socialmente constituído no século XIX e pelas denominações étnicas daquele momento. As descrições são as impressões dos anunciantes sobre os cativos, “o que ressalta a denominação como ação política e social que não apenas classifica, mas diferencia os sujeitos em um contexto e aponta o lugar onde cada um deve permanecer” (Nunes, Pinheiro & Ximenes, 2017). Percebemos o destaque para o tom avermelhado na pele e nos cabelos dos escravizados. Essas designações poderiam ser mais abrangentes, referindo-se a povos indígenas ou com ascendência indígena, que também poderiam ser chamados de “caboclos”, como no caso de Esperança, citada anteriormente.

As variadas descrições da tonalidade da pele podem ser somadas às características físicas da descrição dos olhos, nariz, boca, estatura, da adjetivação de beleza, das marcas de violência e das condições de saúde e ofícios. Notamos que na maioria dos anúncios os senhores não descreveram essas características, mesmo que fossem essenciais para a sociedade identificar aquele sujeito como escravizado.

Assim, quanto aos escravizados que tiveram seus olhos descritos, observamos a variação em tamanho (grandes, pequenos, regulares e fundos), cor (pardos, gázeos, pálidos, embranquecidos, castanhos, alvos, agateados, encarniçados, amarelos, pretos) ou exposição de algum tipo de doença ou deficiência (cobertos por belidas brancas, torto de um olho, vesgo, piscos, um tanto encovados e capeludos).

Quanto à descrição dos narizes, há predominância de narizes chatos e afilados (8 escravizados), em comparação a ventas arregaçadas, nariz proporcional, grande, pequeno ou regular.

Em relação à boca, a maioria tinha boca grande (5 escravizados), boca regular (3 escravizados), beiços grossos (5 escravizados), beiços finos (2 escravizados). Outros casos incluíam boca um tanto funda (1 escravizado), boca pequena (1 escravizado), boca bastante grande (1 escravizado) e gengivas crescidas e avermelhadas (1 escravizado). Quanto à estrutura corporal, observamos cativos de estatura regular, seguidos por cativos baixos e altos.

⁸ Sobre qualidades (boçal, crioulo, pardo, mulato, cabra, fula, curiboca), ver: Barros, 2018, p. 498.

⁹ Sobre cor (preto, alaranjado, vermelho, semibranco), ver: Barros, 2018, p. 498.

Quase não há descrição com adjetivação de beleza. Do total, apenas 18 cativos são descritos como: bonita figura, bem “parecido”, bonita dentadura, figura de bonita vista, a figura é boa, bem-apeado, figura elegante, feio, feições miúdas e rugadas e sem defeito algum.

Dos 160 cativos descritos nos anúncios, 107 foram descritos com algum sinal de violência, tais como “facadas no corpo, e tem sido açoitado” (Anúncio, 3 out. 1849, p. 4), “tem alguns sinais de relho pelo corpo, e muito castigado nas nádegas” (Anúncio, 19 dez. 1868, p. 4), “tendo os lagartos dos braços assinalados de cordas por ter sido amarrado por vezes” (Anúncio, 15 jul. 1852, p. 4), “um grande calombo (sinal de relho) sobre um dos peitos, alguns sinais de relho não muito visíveis pelas costas e braços [...]” (Anúncio, 15 jul. 1852, p. 4), “calos nos pés em consequências de ter estado em ferro, visíveis sinais antigos de açoites, nas nádegas e cicatriz de uma facada bem em cima do peito direito, além de outro pelas coxas” (Anúncio, 18 mar. 1860, p. 4). Os escravizados são descritos pelos sinais de castigos que sofriam, demonstrando o rigor da escravidão e os aspectos íntimos da sociedade escravocrata piauiense.

As cicatrizes ficam evidentes e muitas delas poderiam ser indícios das más condições de trabalho. Os excessos de trabalho ou deficiências podem ser vistos no “talho em cima de uma sobrancelha procedido de um coice de cavalo, e outro talho em cima de uma espadua procedido de ponta de pau” (Anúncio, 4 mar. 1848, p. 4), “tem muito visível uma unha arrancada do dedo grande de um pé, e em outro entre o dedo grande e o imediato tem um talho de machado” (Anúncio, 26 fev. 1858, p. 4), “defeito em uma das mãos, isto é, nos dois dedos por ferimento em uma roda de mandioca” (Anúncio, 10 jan. 1863, p. 4), “tendo uma cicatriz em um dos lados do rosto, proveniente de um coice de cavalo” (Anúncio, 27 jan. 1883, p. 4).

Fugiu ao abaixo assinado na noite do dia 21 para 22 deste mês, o escravo Apolônio, cafuz, claro (passa por mulato), alto, espadaúdo, com alguma barba, tem 24 anos de idade pouco mais ou menos, e boa dentadura, um tanto limada, costuma falar muito em vaqueiresse, tem muito visível uma unha arrancada do dedo grande de um pé, e em outro, entre o dedo grande e o imediato tem um talho de machado. Tem nas costas sinais de relho. Quando fugiu levou camisa de riscado, suja, chapéu de baeta, alpercatas e rede.

Quem o pegar e entregar a seu senhor, no seu escritório na rua Bela, será bem gratificado.

Teresina, 22 de setembro de 1858

Antônio Moreira do Carmo (Anúncio, 26 fev. 1858, p. 4).

Na análise deste anúncio, notamos que Apolônio apresentava “uma unha arrancada do dedo grande de um pé e entre o dedo grande e o imediato um talho de machado”. Isso poderia ocorrer devido à atividade laboral desenvolvida pelo cativo. Não podemos confirmar o diagnóstico sobre o trauma nos dedos dos pés, pois as condições de saúde eram registradas de forma ambígua, com a apresentação de uma sintomática variada e um quadro específico para os nomes das doenças daquele momento histórico. Segundo Sônia Magalhães, existe uma dificuldade na apreensão da terminologia das moléstias, pois as nomenclaturas possuem denominações populares que variam conforme o tempo e o espaço, e por não haver padronização nos registros (Magalhães, 2004).

Evidenciamos que a violência do sistema escravista poderia desencadear doenças de caráter psíquico, como no caso de João, “relhado nas nádegas e costas, gagueja bastante quando fala” (Anúncio, 9 nov.

1848, p. 4); Raimundo, “quando fala apressado ou zangado, gagueja” (Anúncio, 15 jul. 1852, p. 4); e Julião, “crioulo cor fula, alto, um pouco espadaúdo, com falta de dentes na frente e a fala gaguejando” (Anúncio, 8 fev.1868, p. 4). A descrição desses traços poderia indicar as pressões enfrentadas pelos escravizados durante a vida e fornecer um esboço de sua saúde. Segundo pesquisas médicas, a gagueira poderia ser causada pelos medos e traumas na infância, e a condição da escravidão seria propícia para desencadear tal problema (Amantino, 2007).

O escravizado Izidoro, além de possuir uma deficiência física, “aleijado do braço direito [...] seco e completamente paralítico desde criança”, possivelmente tinha um transtorno psicológico, visto que ocasionalmente os olhos tornavam-se piscos, conforme a citação a seguir:

Fugiu de casa de seu senhor no dia 28 janeiro de 1866 o escravo Izidoro com 20 anos de idade, cor cabra da pele vermelha, aleijado do braço direito, pois o tem pequenino, seco e completamente paralítico desde criança, sem barba alguma, estatura regular, boa dentadura, conversa desenvolvida, sofrendo de vez em quando dos olhos que se tornam piscos, e é filho de Anastácia, preta alforriada que reside na cidade de Teresina.

Roga-se a todas as autoridades a captura desse escravo, e a pessoa que o capturar e levar à casa de seu senhor abaixo assinado em sua fazenda Ininga do termo da União, será bem recompensado.

Antônio José de Sampaio (Anúncio, 28 abr. 1866, p. 4).

Izidoro poderia sofrer do que conhecemos como Síndrome de Tourette, uma doença comum na presença de ansiedade e tem como um dos sintomas tiques, como a piscada de olhos. Podemos inferir sobre a doença de Izidoro, mas não podemos confirmar um diagnóstico, pois as informações dos anúncios eram repassadas pelos senhores e utilizadas para identificar e tornar possível a captura dos cativos fugidos. A descrição das doenças nos olhos dos escravizados fugidos nos leva a Theodoro, 18 anos, crioulo, olhos grandes e esbranquiçados, baixa estatura, porém bem esbelto (Anúncio, 20 mar. 1879, p. 4); Máximo, cor muito preta, sem barba, rosto meio quadrado, testa pequena, olhos vesgos, nariz chato, boca grande, boa dentadura, queixo fino, voz fanhosa, altura quase regular, cheio do corpo (Anúncio, 19 mar. 1870, p. 4); e Francisco, matriculado na Coletoria de Teresina sob o número 1.164, mulato, estatura elevada, 30 anos, olhos amarelados, cabelos pretos, tirando a ruivo, pés grandes, bons dentes, era fábrica da Fazenda Nova Olinda, no termo de Marvão (Anúncio, 13 jan. 1883, p. 4).

Alguns casos de doenças nos olhos manifestavam-se pela carência de vitamina A, devido à má nutrição (Freyre, 2010), ou pela cor amarelada dos olhos, no caso de Francisco, que poderia indicar uma doença hepática. A icterícia era uma das doenças destacadas no *Dicionário de Medicina Popular* do doutor Pedro Luiz Napoleão Chernoviz: “quando não é súbita, principia ordinariamente pelos olhos, pouco a pouco a coloração estende-se ao rosto, pescoço, unhas, peito, ao tronco, e enfim aos braços e pernas [...]” (Chernoviz, 1890).

Outra condição de saúde descrita pelos anunciantes era a de escravizados que sofriam com “vícios”. O vício na cachaça era comum em áreas produtoras de cana-de-açúcar, e o tabaco era fumado “em cachimbo de pau ou de barro, ou mascado, provavelmente com uma folhinha ou duas de maconha para

aumentar o gosto do pecado” (Freyre, et al., 2010). Em geral, nas descrições aparecem escravizados “tabaquistas”, os que gostam de “cheirar torrado” e “masca fumo”, como Benedito, que fugiu da Fazenda Uhyca, no Termo de Jerumenha: “alto, cheio do corpo, 37 anos de idade, pouco mais ou menos, cor preta, pernas arqueadas, pés grandes, [...] é canhoto, tem sinais de relho nas nádegas e costas, usa tomar torrado, e masca, fala alto” (Anúncio, 31 mar. 1872, p. 4).

Por fim, na perspectiva do trabalho, as habilidades profissionais não estavam apenas ligadas à agricultura e à pecuária, atividades predominantes nesta província, mas à mão de obra especializada, como sapateiro e pedreiro. A especialização da profissão era uma das táticas usadas para permanecer oculto e manter a alimentação, a moradia, o vestuário, assim como levar as ferramentas de trabalho durante a fuga. Dos 160 escravizados anunciados, apenas 5 levaram algum instrumento de trabalho: “fugiu montado em um cavalo de sela, capado, e de cor melado, conduz uma clavina” (Anúncio, 31 mar. 1872, p. 4), “não consta que levasse mas a exceção de um faquinha” (Anúncio, 19 dez. 1868, p. 4), “saiu montado num cavalo cardão já meio pedrez das apás” (Anúncio, 1 jan. 1883, p. 4), “desconfia-se que saiu num cavalo pequeno melado baio ou num russo queimado de crinas pretas”, “evadiu-se montado em um cavalo de cor ruça amarelo” (Anúncio, 16 abr. 1870, p. 4). Segundo Márcia Amantino, uma visão simplista sobre a realidade do cativo seria de que o escravizado sem especialização fugia mais porque era a maioria do contingente. Numa visão mais aguçada, percebemos que ensinar um ofício ao cativo poderia interferir na sua qualidade de vida, no seu valor enquanto bem, deste modo, poderia ser bem tratado pelo seu senhor e possuir uma posição distinta dentro do contingente escravista. Supõe-se que escravizados bem tratados não fugiriam, mas a realidade é que a causa da fuga não está apenas no tratamento recebido, mas também na aceitação ou rejeição do cativo pelo escravizado (Amantino, 2006).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os escravizados fugiam, reclamando seu direito à liberdade e resistindo ao poder vigente. Compreendemos que o poder não era privilégio obtido ou conservado da classe senhorial, mas o efeito do conjunto de suas posições estratégicas que o cativo burlava por meio da fuga. Os escravizados desfaziam a dominação cotidiana praticando atos de desobediência, manipulação pessoal e autonomia cultural. Cada fuga era peculiar e cada escravizado levava consigo sua expectativa.

A análise dos anúncios de fuga de escravizados nos periódicos piauienses do século XIX revelou uma riqueza de informações sobre a sociedade escravista e suas contradições. Ao longo deste estudo, observamos como esses anúncios não eram apenas relatos de fugas, mas fragmentos carregados de significados que representavam a vida cotidiana dos escravizados e as relações de poder da época.

Como no caso de Esperança, que nos apresentou um embate entre proprietário, justiça e imprensa diante dos castigos infligidos à escravizada. Após Esperança ser chicoteada pelo Capitão José Augusto de Lemos, este foi denunciado por ferimentos graves, e alegou que o castigo dado foi moderado e permitido pelo Código Criminal vigente. Esperança fugiu, o que representava um desafio ao sistema escravista, destacando a resistência dos escravizados diante da violência.

A fuga proporcionava aos escravizados uma forma de recuperar o poder sobre suas vidas, abolir os castigos, romper com laços sociais e afetivos e dispor de sua força de trabalho como achasse adequado. Já o senhor buscava reaver a propriedade e manter seu domínio. Assim, o efeito dos anúncios atinge uma nova dimensão, não apenas dada pela possibilidade de captura, mas pela transmissão de representações, sensibilidades sociais e pelo estabelecimento de uma rede de relações intersubjetivas (Ferrari, 2011).

Os anúncios de fuga são amostragens e seus resultados não devem ser vistos como absolutos. Eles nos proporcionam discutir o papel do escravizado como agente histórico, nos permitem ver sujeitos reais, dando-nos condições para que estes se constituam como sujeitos dentro da sociedade escravagista. Nesse sentido, cada cativo é descrito de maneira singular, como um ser individual, diferente dos outros, com marcas próprias (Ferrari, 2010).

A análise dos dados revelou padrões interessantes, como a maior incidência de anúncios na década de 1870, possivelmente relacionada à intensa comercialização do tráfico interprovincial. Observamos também a diminuição das publicações de anúncios na década de 1880, embora isso não signifique que as fugas tenham cessado, como demonstram os registros de passaportes expedidos em 1886.

Considerando as informações obtidas a partir da pesquisa, podemos inferir sobre a realidade dos escravizados anunciados nos jornais. Primeiramente, observamos que a maioria dos escravizados anunciados nos jornais foi apresentada pelo nome. Em relação à idade dos escravizados fugidos, constatamos uma predominância na faixa etária de 21 a 30 anos. Este dado sugere que a maioria das fugas ocorria na fase adulta e em idade produtiva, sendo importante notar que os cativos nessa faixa etária eram os mais comercializados no tráfico interprovincial.

Quanto ao sexo, as fugas eram mais comuns entre homens, totalizando 143 escravizados, em comparação com apenas 17 mulheres. Este desequilíbrio nos levou a duas hipóteses: a primeira é a preferência do tráfico interprovincial por homens jovens em detrimento de mulheres, possivelmente devido à demanda nas fazendas de café no Sul, e a segunda hipótese sugere que as mulheres, muitas vezes mães, evitavam fugir com os filhos devido ao risco de serem capturadas.

Quanto à origem dos escravizados, grande parte dos anúncios não mencionava a naturalidade, mas entre os que mencionavam, predominavam os cativos naturais do Piauí, do Maranhão e do Ceará. No que diz respeito à descrição física, a maioria dos anúncios não fornecia detalhes, embora estes fossem essenciais para identificar os escravizados. Das características mencionadas, destacam-se marcas de violência, condições de saúde e habilidades profissionais.

A metodologia utilizada permitiu uma abordagem abrangente e complementar, combinando métodos histórico-descritivos com análises quantitativas e qualitativas. Isso nos possibilitou mapear experiências passadas, interpretar fenômenos e atribuir significados aos dados levantados. A experiência foi vista como uma categoria de análise que aponta ao vivido e ao pensado, gestada a partir de práticas materiais decorrentes das relações sociais, e por meio dela os sujeitos são inseridos na história.

Segundo Thompson, a experiência é marcada pelas relações sociais entre os indivíduos de determinada sociedade, por isso não há como excluir um grupo em favor de outro. A sociedade movimenta-se e os sujeitos agem de acordo com regras e limites, criam meios para conviver e contestar (Thompson, et al., 1981). Assim, as fugas e as capturas são resultado das ações da sociedade oitocentista, de senhores e escravizados enquanto sujeitos históricos, a partir de suas experiências e redes de relações pessoais.

Nos fins do século XIX, os anúncios foram desaparecendo das páginas dos jornais. Os escravizados foram “encolhendo-se em tipo miúdo, perdendo seu antigo luxo de pormenores, deixando de aparecer com títulos em negrita, às vezes avivados pela figura – quase um borrão – de um negro com a trouxa às costas, fugindo da casa do sinhô” (Freyre, et al., 2010). Mas isso não denotou o fim das fugas, pois passaportes continuaram a ser emitidos, e escravizados e libertos foram representados em outros espaços dos jornais, nas “notícias violentas e sensacionalistas, misteriosas ou irônicas, o negro vagabundo, embriagado ou desordeiro das ‘ocorrências policiais’” (Schwarcz, 2017).

REFERÊNCIAS

Fontes

- ANÚNCIO. A *Época*. Teresina, ano 1, n. 26, p. 4, 28 set. 1878.
- ANÚNCIO. A *Época*. Teresina, ano 1, n. 27, p. 4, 5 out. 1878.
- ANÚNCIO. A *Época*. Teresina, ano 6, n. 241, p. 4, 27 jan. 1883.
- ANÚNCIO. A *Imprensa*. Teresina, ano 1, n. 40, p. 4, 28 abr. 1866.
- ANÚNCIO. A *Imprensa*. Teresina, ano 14, n. 585, p. 4, 20 mar. 1879.
- ANÚNCIO. A *Imprensa*. Teresina, ano 18, n. 760, p. 4, 13 jan. 1883.
- ANÚNCIO. A *Imprensa*. Teresina, ano 20, n. 861, p. 4, 28 mar. 1885.
- ANÚNCIO. A *Imprensa*. Teresina, ano 3, n. 133, p. 4, 8 fev. 1868.
- ANÚNCIO. A *Imprensa*. Teresina, ano 4, n. 178, p. 4, 19 dez. 1868.
- ANÚNCIO. A *Imprensa*. Teresina, ano 4, n. 190, p. 4, 17 mar. 1869.
- ANÚNCIO. A *Imprensa*. Teresina, ano 4, n. 192, p. 4, 31 mar. 1869.
- ANÚNCIO. A *Opinião Conservadora*. Teresina, ano 3, n. 121, p. 4, 10 ago. 1876.
- ANÚNCIO. A *Pátria*. Teresina, ano 1, n. 54, p. 4, 22 abr. 1871.
- ANÚNCIO. *Liga e Progresso*. Teresina, ano 2, n. 12, p. 4, 10 jan. 1863.
- ANÚNCIO. *Liga e Progresso*. Teresina, ano 2, n. 16, p. 4, 27 mar. 1863.
- ANÚNCIO. *O Analítico*. Oeiras, ano 1, n. 5, p. 4, 9 nov. 1848.
- ANÚNCIO. *O Echo Liberal*. Oeiras, ano 3, n. 116, p. 4, 4 dez. 1851.
- ANÚNCIO. *O Echo Liberal*. Oeiras, ano 3, n. 41, p. 4, 27 jun. 1850.
- ANÚNCIO. *O Echo Liberal*. Oeiras, ano 4, n. 147, p. 4, 15 jul. 1852.

ANÚNCIO. *O Echo Liberal*. Oeiras, ano 4, n. 214, p. 4, 29 jan. 1852.

ANÚNCIO. *O Echo Liberal*. Teresina, ano 2, n. 41, p. 4, 27 jun. 1850.

ANÚNCIO. *O Echo Liberal*. Teresina, ano 4, n. 147, p. 4, 15 jul. 1852.

ANÚNCIO. *O Escolástico*. Oeiras, ano 1, n. 8, p. 4, 3 out. 1849.

ANÚNCIO. *O Governista*. Oeiras, ano 2, n. 23, p. 4, 4 mar. 1848.

ANÚNCIO. *O Piauí*. Teresina, ano 2, n. 67, p. 4, 15 mar. 1869.

ANÚNCIO. *O Piauí*. Teresina, ano 3, n. 125, p. 4, 19 mar. 1870.

ANÚNCIO. *O Piauí*. Teresina, ano 3, n. 128, p. 4, 16 abr. 1870.

ANÚNCIO. *O Piauí*. Teresina, ano 4, n. 168, p. 4, 15 abr. 1871.

ANÚNCIO. *O Piauí*. Teresina, ano 5, n. 212, p. 4, 31 mar. 1872.

ANÚNCIO. *O Propagador*. Teresina, ano 1, n. 36, p. 4, 26 fev. 1858.

ANÚNCIO. *O Propagador*. Teresina, ano 3, n. 111, p. 4, 18 mar. 1860.

ANÚNCIO. *O Telégrafo*. Oeiras, ano 2, n. 30, p. 4, 2 abr. 1840.

ANÚNCIO. *O Telégrafo*. Oeiras, ano 2, n. 76, p. 4, 10 ago. 1840.

AO PÚBLICO o capitão José Antônio de Lemos. *A Época*. Teresina, ano 1, n. 11, p. 3, 15 jun. 1878.

APROXIMA-SE A ÉPOCA ELEITORAL. *Diário do Maranhão*. São Luís, ano 7, n. 789, p. 2, 22 mar. 1874.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PIAUÍ. Passaportes, 1818-1829, SPE, COD. 526, ESTN. 05, PRAT. 1, Oeiras, 11 de julho de 1818.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PIAUÍ. Sala do Poder Executivo. Palácio da Presidência. Secretaria de Polícia. 1861. Caixa 12.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PIAUÍ. Sala do Poder Executivo. Palácio da Presidência. Secretaria de Polícia. 1864. Caixa 7.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PIAUÍ. Sala do Poder Executivo. Palácio da Presidência. Secretaria de Polícia. 1872-1873. Caixa 11.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO PIAUÍ. Secretaria de polícia. Sala do poder executivo. Passaportes. Caixa 447. Teresina, 11 de fevereiro de 1886.

ATENÇÃO. *A Época*. Teresina, ano 1, n. 32, p. 4, 9 nov. 1878.

FORAM REFORMADOS A PEDIDO. *Diário do Maranhão*. São Luís, ano 5, n. 369, p. 1, 25 out. 1874.

OS ABAIXO ASSINADOS ELEITORES CONSERVADORES. *O Paiz*. São Luís, ano 19, n. 129, p. 2, 8 jun. 1881.

PROVÍNCIA DO PIAUÍ. *A Imprensa*. Teresina, ano 20, n. 865, p. 3, 30 abr. 1885.

QUADRO DEMONSTRATIVO. *O Nortista*. Parnaíba, ano 1, n. 49, p. 4, 7 dez. 1901.

Bibliografia

- AMANTINO, Márcia. (2007). As condições físicas e de saúde dos escravos fugitivos anunciados no Jornal do Commercio (RJ) em 1850. *Manguinhos: Revista História, Ciência, Saúde, Rio de Janeiro*, 14 (4), 1377-1399.
- AMANTINO, Márcia. (2006). Os escravos fugitivos em Minas Gerais e os anúncios do jornal “O Universal”- 1825 a 1832. *Locus: revista de história, Juiz de Fora*, 12 (2), 59-74.
- BARROS, Surya Aaronovich Pombo de. (2018). Ser negro na Parahyba do Norte: cores, condições, qualidades e universo letrado no século XIX. *Estudos Ibero-Americanos*, v. 44, n. 3.
- BRASIL. *Código Criminal - 1830*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional (Leis do Império do Brasil). Acessado em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim-16-12-1830.htm.
- BRASIL. Império. *Recenseamento geral do Império*. 1872. Província do Piauí. Acessado em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25477_v9_pi.pdf.
- CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. (1890) *Dicionário de Medicina Popular e das ciências assessórias para uso das famílias*. 6. ed. Paris: A. Roger & F. Chernoviz.
- DOMINGUES, Carlos Vinícius Schettini da Silva (2011). *Desafiando o cativo: fuga de escravos no Rio de Janeiro joanino (1808-1821)*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- FERRARI, Ana Josefina. (2010). *A voz do dono: Uma análise das descrições feitas nos anúncios de jornal dos escravos fugidos*. Campinas: Editora Pontes.
- FERRARI, Ana Josefina. (2011) O olhar do estabelecido: a imagem do escravo produzida pelos senhores nos anúncios de jornais do Espírito Santo (1849-1888). In: *Anais do Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais* (p. 1-20). Vitória, ES.
- FERREIRA, Edgardo Pires. (2011). *A mística do parentesco: uma genealogia inacabada: Os Castello Branco*. 1. ed. Guarulhos, São Paulo: abc Editorial.
- FOUCAULT, Michel. (2006). A vida dos homens infames. In: *Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- FREYRE, Gilberto. (2010). *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. São Paulo: Global.
- GOMES, Flávio dos Santos. (1996). Jogando a rede, revendo as malhas: fugas e fugitivos no Brasil escravista. *Tempo, Rio de Janeiro*, 1 (1), 1-22.
- GONÇALVES, Wilson Carvalho. (2003). *Dicionário enciclopédico Piauiense Ilustrado*. Teresina: Halley, 2003.
- LARA, Sílvia. (1995). “Blowin’ in the wind. E. P. Thompson e a experiência negra no Brasil”. *Projeto História*, São Paulo, 12 (2), 43-56.
- MAGALHÃES, Sônia Maria de. (2004). *Alimentação, saúde e doenças em Goiás no século XIX*. Tese (Doutorado em História), Programa de Pós-graduação em História – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca.
- NERY, Ana Karoline de Freitas. (2021). *Políticas públicas de saúde, doenças e medicamentos em Teresina durante as décadas de 1930 e 1940*. 2021. (Dissertação de mestrado) Universidade Federal do Piauí. Teresina, PI.
- NUNES, Ticiane Rodrigues & PINHEIRO, Nadja Maria & XIMENES, Expedito Eloísio. (2017). Brancos, cabras, índios e pretos: estudo das denominações étnicas no século XIX. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, 18 (2), 102-119.
- PAIVA, Eduardo França. (2015). *Dar nome ao novo: uma história lexical da Ibero-América entre os séculos XVI e XVIII* (as dinâmicas de mestiçagens e o mundo do trabalho). Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- PINHEIRO FILHO, Celso. (1972). Eugênio Marques de Holanda. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Piauiense*, Teresina, 54, 16-25.

REIS, João José & SILVA, Eduardo. (1989). *Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista*. São Paulo: Companhia das Letras.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. (2017). *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos*. São Paulo: Companhia das Letras.

THOMPSON, E. P. (1981). *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar.